

TRABALHO CORPORAL COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: TOCANDO UM TABU

Neusa Maria Lopes Sauaia
 Ana Laura Rabelo de Araújo
 Angela Maria Carcassoli Kato
 Antonio Fernando Stanziani
 Francisca Suely Barcelos
 Márcia Gimenez C. Fernandes
 Sônia Maria Pettinelli

*“O corpo exige igualdade de direitos.
 Ele exerce o mesmo fascínio que a psique.
 Se ainda estivermos imbuídos da antiga concepção
 de oposição entre espírito e matéria, isto significa
 um estado de divisão e de intolerável contradição.
 ... o espírito é a vida do corpo, vista de dentro, e
 o corpo é a revelação exterior da vida do espírito...”*
 (C.G. Jung, 1928, C.W. Vol. X, par. 195)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, inicialmente apresentado como um projeto piloto, vem sendo realizado dentro das dependências do Instituto Sedes Sapientiae desde o início do ano de 1998, em parceria com o Núcleo de Referência às Vítimas de Violência – NRVV.

No ano de 1998 formaram-se 2 grupos: um de crianças entre 8 e 9 anos, e outro de pré-adolescentes entre 10 e 12 anos. Atualmente estão em atendimento 3 grupos divididos por idades que vão dos 6 até os 14

anos. Todos estes pacientes foram anteriormente atendidos, em grupo ou individualmente, pelos profissionais do NRVV, período no qual foram trabalhadas as questões concernentes à problemática da violência propriamente dita sofrida por cada um deles. Funcionam também dois grupos de trabalho corporal com os acompanhantes dos pacientes (pais ou responsáveis). O tempo de atendimento proposto no projeto original era de aproximadamente 8 meses; no entanto, devido a solicitações das crianças, houve continuação do trabalho ainda neste ano.

2. POR QUÊ REALIZAR TRABALHO CORPORAL PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA ?

O corpo fornece o ambiente onde tudo se processa tanto a nível biológico quanto psíquico. Não se pode falar em mente e corpo separadamente, um não existe sem o outro, e o que acontece com um trará reflexos ao outro. Nas palavras de Jung: “ A alma humana vive unida ao corpo, numa unidade indissolúvel, por isto só artificialmente é que se pode separar a psicologia dos pressupostos básicos da biologia.” (C. G. Jung – CW8 - “ A natureza da psique “ – par:232).

Embora Jung não tenha utilizado de técnicas corporais em seus atendimentos clínicos, obteve, da observação de alterações nas reações fisiológicas frente a determinados estímulos, a base para alguns de seus principais conceitos, entre eles o de complexo. Acreditava ele que não era somente a psique que sofria, nem somente o corpo, mas o indivíduo como um todo.

A própria formação do ego, centro da consciência, é posterior à formação do que se denomina ego corporal. É através do diálogo corporal com sua mãe que a criança delimita seu corpo no mundo e do mundo dos objetos. É exclusivamente em termos corporais que o bebê vive seus primeiros meses de vida. Quando sente fome, frio ou dor, ocorre a vivência do desprazer que, em termos corporais, se traduz por contrações musculares. Em contrapartida, vivencia prazer e satisfação quando alimentado e aquecido, o que se traduz por descontração e relaxamento

muscular. Portanto, já se consideram aqui qualidades emocionais acopladas às sensações físicas, que se tornam registros de uma memória corporal. Fatos, muitas vezes, arquivados em nossa psique, mas não conscientes, estão, com certeza, registrados em nossos corpos. Não somente os olhos são o espelho da alma mas, de forma mais abrangente, o corpo é também o espelho da alma.

De acordo com nossa formação teórica Junguiana, entendemos que o trabalho corporal que abrange um enfoque simbólico torna-se um caminho importante de ampliação de consciência e de fortalecimento egóico. É ele que funciona como esteio da personalidade, criando a ponte entre a vivência do corpo e a construção de um arcabouço psíquico. As crianças/adolescentes por nós atendidos trazem esta demanda, pois carregam em seus corpos memórias de situações vividas ou presenciadas com muita dor e sofrimento. Este trabalho propicia a oportunidade de fazer fluir a energia represada, reorientando-a no sentido de sedimentar registros corporais mais positivos, que possam semear novamente o prazer de viver. Estas crianças/adolescentes, certamente beneficiam-se de um trabalho que pretende auxiliá-las a se reorganizar para que tenham vidas mais construtivas e felizes .

A literatura sobre o tema da violência descreve duas vertentes etiológicas básicas: a violência de origem psicológica e a de origem física. Nesta última categoria destacam-se o abuso sexual e os maus tratos físicos com altos índices percentuais. No entanto, surpreende o fato de que os trabalhos propostos para essa população, em sua maioria, não englobam qualquer tipo de abordagem corporal. Estaríamos, então, diante de algum tipo de tabu?

A idéia de tabu necessariamente permeia o ponto que tangencia o sagrado e o profano. Trabalhar com crianças que já tiveram a experiência de verem seus corpos profanados pela violência, ousar tocar estes corpos, coloca o terapeuta frente a alguns riscos. Primeiramente surge o medo de retraumatizar a criança, pois qualquer toque ou intervenção mais firme pode ser interpretado como uma nova violência ou agressão. Não é difícil

lembrar-se da sabedoria de um antigo dito popular que afirma: “ Gato escaldado tem medo de água fria” A criança freqüentemente apresenta uma aversão ao toque, uma defesa frente a uma aproximação, congelando seu corpo, bloqueando seu contato com outras crianças e com o adulto terapeuta. Desenvolve também uma agressividade reativa e pouco transformadora, muitas vezes, tornando-se, ela própria, uma agressora.

No que tange ao terapeuta, o contato com a ferida da criança certamente o remeterá à sua própria criança ferida que, se por um lado pode ser de grande utilidade para dimensionar o grau de sofrimento do outro, por outro pode amedrontar e bloquear sua atuação terapêutica.

As freqüentes situações de falta de limites, de desrespeito a regras, normas sociais e morais trazidas por estas crianças trazem um outro perigo. É natural e racionalmente compreensível, que elas repitam padrões de comportamento aos quais foram submetidas, porém tal compreensão pode não evitar que o terapeuta seja instigado a agir com seu lado agressivo para pôr “ordem na casa” e se surpreenda agindo com seu lado mais sombrio e desconhecido.

Todas estas idéias devem, portanto, ser cuidadosamente consideradas no atendimento a esse tipo de população, pois sabemos que é do veneno que fabricamos o antídoto e é só tocando esses corpos feridos que se alcançará a possibilidade de fazer renascer um corpo saudável e criativo.

3. QUAIS OS OBJETIVOS DESTA PROJETO ?

Este projeto de abordagem corporal tem por objetivos :

- Facilitar a reaproximação da criança/adolescente com o próprio corpo, alvo da violência em muitos casos
- Promover a socialização através do trabalho em grupo
- Possibilitar a resignificação do próprio corpo e da figura do adulto
- Ter como proposta uma leitura simbólica do corpo, que possibilite uma compreensão do sofrimento expresso em linguagem corporal

- Promover vivências de bem-estar fisiopsíquico através do lúdico com o corpo

- Incentivar uma forma de comunicação que não parta da violência, mas do respeito ao outro

- Reforçar a auto-estima, evidenciando seus recursos próprios, valorizando-a com o intuito de um fortalecimento da estrutura egóica

- Facilitar a construção ou reconstrução de sua identidade.

4. UM BREVE RELATO DO TRABALHO REALIZADO EM 1998

Grupo de crianças de 8 e 9 anos

O desenvolvimento do trabalho foi planejado levando-se em conta a necessidade de utilização de técnicas que levassem a uma ampliação da consciência do corpo dentro de uma proposta lúdica. Os terapeutas pensaram no seguinte contexto para o grupo: sugerir uma tribo de índios na qual cada participante receberia um nome indígena e, em diferentes momentos seriam vivenciadas atividades como caçar, pescar, guerrear, etc.

Qual não foi a surpresa quando, logo no início da primeira sessão, uma das crianças buscou um colchonete, fez com ele uma cobertura e disse que havia construído uma oca. Partindo, então desta idéia, cada um passou a construir sua própria oca e foi montada, quase que espontaneamente, a imaginada aldeia de índios. Também do próprio grupo criaram-se os nomes dos índios, e grande parte das regras da tribo, sendo que uma das mais significativas dizia respeito à manutenção da paz e limitava a ocorrência de qualquer violência.

Os encontros foram marcados por três momentos de trabalho: primeiramente uma maior diretividade nas sessões, depois prevaleceu um período de intensa atividade lúdica e finalmente centrou-se a atenção sobre a agressividade crescente do grupo.

Inicialmente chegava-se à sessão com a programação das técnicas a serem utilizadas visando a conscientização de cada segmento corporal. Os exercícios eram planejados para abordar uma determinada parte do corpo e a finalização da sessão acontecia com uma técnica de integração do todo corporal. Tal abordagem diretiva limitava a espontaneidade lúdica que tinha grande importância para as crianças.

Gradualmente foi enfatizada a atividade lúdica como veículo para as técnicas corporais, o que propiciou um campo extremamente fértil para o olhar simbólico dos terapeutas e mais prazeroso às crianças-índias.

O movimento grupal e a continência corporal oferecidos pelo trabalho propiciaram um rebaixamento das defesas egóicas o que levou a novos contextos lúdicos. Algumas crianças, ao assumirem papéis de cachorros, passaram a manifestar suas necessidades de carinho acercando-se dos terapeutas para pedir afagos ou rosnando e dando patadas nos outros quando agressivos.

Deparamo-nos com o desafio de poder lidar com a agressividade que surgiu maciçamente na tribo apesar das regras criadas por eles próprios. Iniciaram-se, então, as guerras com tribos imaginárias no intuito de canalizar positivamente a energia agressiva que era dispersa e puramente destrutiva. O corpo foi também alvo de cuidado e acolhimento pois os “feridos” eram devidamente tratados e massageados pelos chefes – terapeutas da tribo. O grupo foi importante como organismo de contenção tanto física como da energia circulante nas situações de lutas. Pode-se observar que a face crua e agressiva do instinto co-habita com a fragilidade e vulnerabilidade do ego na vida destas crianças, alternando-se na busca da elaboração da vivência do trauma.

A mesma sincronicidade vivenciada no início do trabalho ressurgiu quando é abordado o encerramento do ano. Ao se discutir a despedida desta tribo, um dos meninos contribuiu com a idéia de que cada índio criaria uma nova aldeia. Tal comentário trouxe aos terapeutas a certeza de que este trabalho pode ser levado por eles e reproduzido como algo

positivo e construtivo em suas próprias vidas.

Grupo de crianças de 10 a 12 anos

Por se tratar de um grupo de pré-adolescentes, procurou-se discutir com eles a idéia de um contexto dentro do qual se aplicariam as técnicas corporais. Mostraram-se imediatamente constrangidos e avessos à sugestão da comunidade indígena dizendo entre risinhos encabulados: “isso é coisa de criança e nós não somos mais crianças”. Sob certa insistência decidiram, então, formar um grupo de turistas. Tal dificuldade de escolha lembra-nos a fase de desenvolvimento em que se encontram, vivendo as angustias da transição na qual não querem mais ser crianças mas também ainda não se encaixam no grupo dos adultos. Naturalmente, não foi ao acaso que escolheram como tema um grupo de turistas independentes e exploradores do mundo.

O trabalho passou a ser realizado aproveitando-se contextos imaginados de passeios e explorações em campo, praia, rio, pontes, etc. Sua estrutura e seqüência eram relacionadas às partes do corpo mais utilizadas nas diferentes situações. Iniciou-se com vários exercícios de enraizamento (“grounding”), caminhando pouco a pouco no sentido ascendente, ou seja podo-cefálico, objetivando a integração fisiopsíquica.

Neste grupo foi bem aceita a proposta de exploração do próprio corpo. Procuravam observar a pele, sua temperatura e textura; os ossos, sua localização, tamanho, encaixe; os músculos, suas proporções e inserções, através da auto-exploração. Um Atlas de Anatomia, introduzido como material das sessões, gerou enorme interesse no grupo. Todos queriam ver e entender o que estavam tocando e como eram e funcionavam as partes de seus corpos.

A partir do início do segundo semestre, não mais se interessaram pelo contexto antes sugerido como pano de fundo para os exercícios, solicitando que estes fossem realizados diretamente para as determinadas áreas corporais. Dedicavam alguns minutos para atividades lúdicas somente no final da sessão, quando utilizavam bolas, jogos, dança e

música.

Através do comportamento em sala de atendimento e pelos depoimentos feitos pelos acompanhantes pode-se apontar alguns resultados obtidos por este grupo: evidenciou-se maior socialização e integração no grupo; melhora do esquema e da imagem corporal; ocorrência de elaborações simbólicas através de sonhos; aumento da confiança na interação com o ambiente; elaboração dos sentimentos e emoções deixados pelas experiências traumáticas vividas; aumento da auto-estima.

Grupo de Acompanhantes

Os pais/acompanhantes mostravam-se curiosos e interessados em aproveitar o período em que ficavam aguardando as crianças para fazerem seu próprio trabalho pessoal. Perguntavam sistematicamente se não havia também terapeutas para eles. No entanto, a idéia de montar os grupos de adultos surgiu não só desta demanda, mas também de ponderar como fundamental o cuidado com o meio no qual as crianças estão inseridas. Os adultos trabalhados em suas próprias percepções e que aprimoram seu auto conhecimento serão, sem dúvida, mais atentos e mais sensíveis no trato com os que os rodeiam. De outro modo a dinâmica familiar, o mundo das relações humanas são tão duras, muitas vezes, para eles quanto o foram para as crianças vitimadas. O acolhimento e a experiência positiva de descoberta corporal semeia uma nova proposta de qualidade em suas vidas.

Houve certa dificuldade inicial pois, uma proposta corporal era para eles uma experiência totalmente nova. Com o decorrer do trabalho, surpreendiam-se com as descobertas de novas sensações que estavam adormecidas e afastadas da consciência. A conscientização do próprio corpo fez emergir memórias corporais através de técnicas de auto-percepção e relaxamento. Seus comentários apontavam benefícios em suas vidas e em suas relações com o mundo.

5. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Gerda. “*Eutonia – um caminho para a percepção corporal*”, Editora Martins Fontes, 1991

BITTENCURT, Márcia. “*Novos caminhos no processo educacional para alunos de graduação em psicologia: o método Feldenkrais.*” Dissertação de mestrado, PUC/SP, 1990

FELDENKRAIS, Moshe. “*Consciência pelo movimento*”. Editora Summus, 1977

FURNISS, Tilman. “*Abuso sexual da criança – uma abordagem multidisciplinar*” Editora Artes Médicas, 1993.

JUNG, Carl Gustav. “*A Natureza da Psique*”, V.8, Editora Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. “*Um Mito Moderno*”, V.10, Editora Vozes, 1984.

WALLON, H. “*As Origens do Caráter na Criança*”, Editora Nova Alexandria, 1995.

WESTBURY, E. and TUTTY, Leslie M. “*The efficacy of group treatment for survivors of childhood abuse*”, in *Child abuse and Neglect*, v. 23, p 31-44. 1999.